



# Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO XIX — N.º 485 — Preço 1\$00  
13 DE OUTUBRO DE 1962

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA  
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENÁRIO  
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

## BARREDO

É por causa dos Pobres. É só por eles e por amor de Deus que eu cá estou novamente convalescente.

Era sexta-feira. A primeira do mês e por tal tinha saído dos Redentoristas mais leve e contente. A tarde caía. As primeiras luzes começavam a iluminar as ruas da cidade.

O caso da Senhora Maria José levou-me lá abaixo mais cedo do que eu contava. Ela precisava do colchão e nós já

tinhamos três e que bons!

Encontrei a filha desta no mercado da Ribeira a fazer o meu negóciozito. «Não ganho muito, mas ganho algum para a sopa. Deus lhe pague. A minha mãe até vai dormir melhor», dizia-me ela quando a mandei vir buscar o colchão prometido. Ela, a mãe, continua como até então. Agora apenas descansa melhor o seu corpo enfraquecido pela doença. E a filha pôde aliviar-se

um pouquinho mais das despesas com o donativo que lhe dei em vosso nome.

Pai Américo nomeou-me o «Recoveiro dos Pobres». Ora sendo nós seus filhos, legitimamente somos seus herdeiros. E como ele cumpre-nos também bater-vos às portas, lembrar-vos e pedir-vos para e em nome daqueles que ele nos confiou.

Este Barredo tem muito para vos agradecer. A vida está má, mas ainda há quem ouça os lamentos e sofra com os irmãos necessitados. Bendito seja Deus.

Uma anónima da Rua de Costa Cabral, ouviu o apêlo do último «Barredo» e a senhora Maria José teve o seu colchão.

Outros Pobres tiveram também o seu leito um pouco mais confortável porque a D. Maria da Travessa de S. Carlos entregou-me para os Pobres um bom colchão, roupas para cama e uma boa camisa de noite, assim como uma senhora da rua Firmeza deu também um colchão. E de outros anónimos recebi roupas.

No Espelho da Moda entregaram 100\$00. No Banco Espírito Santo alguém depositou também outros 100\$00. Uma mãe amiga 50\$00. Assinante 22782, 100\$00. Da Rua Serpa Pinto 20\$00 e mais outro tanto de uma anónima. Para os Pobres do Barredo 100\$00+50\$00+50\$00 de uma Dulce de Braga. Por o filho ter ficado bem nos exames 50\$00+20\$00 pela conversão de um chefe de família. Para a Pobre de o «Barredo», de um grupo de amigos de Lisboa 80\$00 e mais e mais e mais.

Como vêm pude livrar de aflições mais alguns dos nossos irmãos Pobres, pois se muito recebemos, muito distribuimos. O que é dos Pobres só na sua casa fica bem. Guardado nas nossas casas as coisas ganham caruncho e na deles estão a render «cem por um».

Ele recados para vir buscar colchões; ele roupas para as camas e para os filhos; ele ajudas de aluguer e até alguns tostões para as suas maiores ne-

## VARANDA de Beire

Não é que as contas andem erradas. Mas pensávamos que entre o passar cheques e o levantar dos ditos haveria escudos para erguer a nossa conta no Banco. Ora, não deu tempo. Resultado: recebemos uma comunicação:

«Amigos e Senhores

Pelo presente, vimos informar V. S. de que a vossa conta, depois de pago o cheque 793298, apresenta o saldo a nosso favor de esc: 516\$ conforme extracto que junto enviamos, o que vimos comunicar para vosso governo.

Com a maior consideração».

Estamos pois falidos. E ficaram ainda dívidas em atraso, sendo a maior delas no Manuel Antunes, do Porto, por via de cotins que a esta data agasalham já o corpo dos rapazes de Beire.

Com esta novidade venho revelar a indignância em que actualmente vivemos, e dizer também toda a alegria que sentimos em nos situarmos entre os mais pobres. Nunca somos tão de Deus como quando não possuímos nada: então estamos só dependentes d'Ele. Mais: Ele quer por vezes que nada tenhamos, para experimentarmos me-

lhor que Ele é Quem dá. E nesta consciência vamos possuindo tudo.

Com esta falência pude, mais uma vez, conhecer como ainda há gente de bem no mundo. Um cheque sem cobertura implica normalmente sérios embaraços. Desta feita, não senhor. O Banco andou. O Banco teve a ousadia de confiar. Em quê? Na riqueza da «Obra da Rua». E a riqueza desta é o não saber quanto tem, mas aceitar confiadamente o governo silencioso e discreto da Providência. Ai, que se nós precisássemos de elevar os fundos no Banco, para orçamentar em Janeiro a vida da Casa, não poderíamos abrir os leitos aos rapazes, nem sentá-los à mesa, no início do ano. Este começo sem nada. E termina do mesmo modo sem nada. Pelo ano fora dispomos do preciso, sem muitas vezes lhe conhecermos a origem. E esta é a nossa riqueza, — o sermos Pobres. Como eu gosto de ser Pobre! Não os vai faltando o caldo nem o agasalho, e quando não os temos, temos a confiança dos homens e a Providência como fiador.

Padre Baptista

O padrão das Casas do Gaiato é a Família. Vida familiar para os que nunca a tiveram bem estruturada. Regresso a Nazaré, palavra de Pai Américo, é progresso social cristão.

Em certa vila dos arredores apresentaram-me como digníssimo director da Casa do Gaiato. Falas do mundo. É assim que ele se habituou. Eu disse logo que não. Nada disso. Ora pergunte-se aos rapazes se aqui há director. Pergunte-se e avalie-se pelo seu gaguejar.

Chegava, há tempos, de Coimbra com dois dias de ausência. Trazia saudades e o cansaço fazia-me nascer a ânsia duma festinha dos rapazes. Pois nada.

— Então?

— Trazia comigo um cachorrinho, para casa. Foi uma algazarra com o cão. A mim ninguém ligaram. Vão lá agora dizer que eu sou o digníssimo!

O rapaz amado como ele vem, e como ele é, na sua estrutura física, psíquica e moral é centro de vida desta família. Nele está tudo. Por ele procuramos tudo. «Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes». O Rapaz é. Realiza.

Não temos fardas, nem números, nem grupos, nem séries. Temos o rapaz na sua personalidade individual, rica de características individualizantes que não queremos destruir.

Nesta orgânica liberal surgem a cada momento cenas de uma beleza incomparável, saídas, espontâneas e virgens da sua bondade e da sua inocência.

Eu gostaria de ter uma máquina de filmar a riqueza destes quadros indiscritíveis, de que a nossa sensibilidade embotada, muitas vezes não dá conta.

Há em Casa uma dúzia de batatinhas, mais conhecidas pelos «miúdos» que todos os dias à noite lavamos os pés na banheira das Senhoras. Sim, na banheira das Senhoras. Porque não haviam de lavar? Os filhos não se lavam também no mesmo lugar das mães?

Pois é lá que duas vezes por semana ordinariamente, e sempre que necessário, os batatas tomam o seu banho.

Ora eu ia passar, ouvi o banzê e observei: O Arlindo, aluno do 2.º ano da Escola Técnica lavara os pés a cinco deles que os tinham mergulhados na água morna. O Ângelo ensinava o nosso mais pequenino, o Daniel, de quatro anos, a lavar os pés aos outros. «Anda Daniel lava aqui os do Luciano. Olha, esfrega assim com sabão».

Eles a lavarem os pés uns aos outros!... Aprendemos em Jerusalém. É assim que diz o Evangelho. Foi deste modo que o Mestre mandou.

Eles são apóstolos. Apóstolos de acção. Não de palavras ociosas, como alguns por esse mundo. Mas de obras.

Ensinam-se uns aos outros a lavar os pés!...

Isto é cristianismo realizado! É vida cristã!...

Aqui há tempos fui apodado de demagogo. Não sei o que é ser demagogo. Se é ser assim, confesso que o autor tem razão.

Se o mundo fosse regido por uma «demagogia» semelhante à nossa, em que os homens lavassem os pés uns aos outros e aprendessem a servir o seu semelhante, haveria mais justiça e consequentemente mais paz neste mundo.

cessidades. E nada é demais. Os necessitados são tantos e tão precisados!

Tu, amigo que me lê, talvez não saibas o que é não ter pão, e só peço a Deus que tal jamais aconteça. Mas eu sei! Nós os que viemos da rua sabemos. Quase todos os que estamos na Obra da Rua pedimos pão às mães, e quantas vezes ouvimos o que frequentemente ouço: «meu filho, não tenho».

«A revolução só acaba quando não houver uma criança sem pão». — Por tal eu não me canso de vos lembrar e de agradecer tudo o que possais fazer em prol dos desprotegidos da sociedade. Faze tua um pouquinho a vida dos Pobres e verás que serás mais feliz.

Tenho confiança que não ireis esquecer a senhora Maria José, que tão amargamente vai

Continua na página QUATRO

S  
E  
T  
U  
B  
A  
I

Foi noutro dia: Senhor Padre Acílio esteve uns dias ausente. Quando chegou, ouvi enorme algazarra, e tudo a correr para a nossa furgoneta. Estranhei a recepção feita ao Senhor Padre Acílio. Mais tarde soube: Toda

Continuamos a descrever a reunião relatada na crónica anterior: Estudos. Como há alguns que não têm vocação para o estudo, começaram a dizer que não queriam ir estudar. O Bonifácio, como sempre, continuou.

que era a sua criada, tudo fazia para que nada nos faltasse. As Senhoras do Centro de Assistência, uma pequena grande Obra que o Sr. Padre Duarte criou, para qualquer doença brusca que apareça, visto o hospital ficar muito longe, igualmente tudo faziam para nos serem úteis e agradáveis.

mo direito, toca de seguir para cima da figueira e fazer o mesmo. Assim, e para que a figueira não fosse mais vítima, mandámos colher e deitar fora todos os figos: pequenos, grandes, verdes, maduros e esta maravilhosa árvore, este ano, não será mais tentada. E-tá contente o Senhor Reis?



# PELAS CASAS DO GAIATO

aquela recepção triunfal era dada ao «leão», um cachorrinho que nos deram. E no meio disto tudo, ainda há quem trate por «senhor director» o Padre da Rua! Pois se até o cãozito que chega lhe rouba os mimos que deviam ser pra ele!

Ora vejam lá as pessoas que chamam pelo «senhor director da Casa do Gaiato».

Cabeças partidas. Tem sido um rol delas! Ontem, entram pela oficina dentro dois deles: o «criminoso» trazia amparado a si a vítima.

«Venha curar o Francisco porque eu parti-lhe a cabeça». Isto dizia o Barba-Russa com ar de quem está comprometido. Chego ao consultório e não vejo o preciso para curar o Francisco.

Não admira, pela quantidade de cabeças partidas e cancelas esfoladas.

A lição está à vista: O «criminoso» ampara e leva a sua vítima. Sabe do mal, e reconhece o dever.

So assim fosse pelo mundo fora!...

Estivemos a debulhar o trigo. Não assistimos ao terço da nossa comunidade. Concluído o serviço cada um se foi lavar. Eu estava a mudar de roupa, quando se abeira da janela do meu quarto o «Rebuçados» mai-lo «Meias» a perguntar se podiam ir rezar o terço.

A oração dentro das nossas casas é uma obrigação de necessidade. Eles sabem dela, e não se esqueceram. Eu regalei-me por os saber cientes do dever. Assim eles se não esqueçam do seu sabor pela vida fora.

Senhor Padre Acílio anda pelos púlpitos das igrejas e pelos palcos dos cinemas. As Senhoras estão pró retiro.

Quem manda, quem governa, quem dirige? Não há guardas nem preceptores nem nada. São eles mais a Divisa: «do rapazes, para e por eles». Que bom! Há bocado passei na cozinha e cheirou-me a ordens. O «Chibinho», que ontem foi à inspecção e ficou livre, estava a fazer uma salada de tomate. Ele é que ficou com a chave da dispensa, e como tal com o governo da casa.

Pai Américo assiste, e faz com que demos graças a Deus.

Carne. Temos comido dela e de várias qualidades. Os Senhores da fiscalização, de volta e meia, aparecem-nos de carro à porta com ela. O Talho n.º 22 do mercado de Setúbal, também já mandou, por intermédio de alguém. Hoje foi o Senhor mais a Senhora da «Adega Fanéca», que têm também um talho. Nós saboreamos a carne, mais o carinho que nos dão. Hoje telefonaram da secção de Justiça para irmos lá por bolas.

Aqui está uma maneira da Justiça andar a par da Caridade!

Venda do «Famoso». Tenho andado atrás do Zé Maria, à cata duma Crónica da Venda. Vou esperando. Entretanto vou dar aqui um viva à Gente de Setúbal, Palmela, Montijo, Almada e Barreiro, por todo o carinho com que acolhem os nossos vendedores.

O Russo, que foi da venda e tinha saído por causa dum defeito que ele próprio tem corrigido, foi de novo à venda. Antes, chamei-o, e disse da confiança tida e no brio dele. Prometeu. Vamos a ver por outras provas.

Ernesto Pinto



Mesmo que fossem obrigados, todos haviam de tentar a sua sorte.

Tudo ficou mais ou menos assente. Alguém perguntou se havia livros. A resposta foi negativa. E continuou: Quais os livros mais necessários? Nós dissemos:

História, Geografia, Ciências, Aritmética, Livros de leitura, tudo isto de vários autores e anos diferentes, porque temos cá rapazes que já fizeram a 4.ª classe, mas ainda precisavam dos livros primários. Não cito nomes (senão cá estava eu em leader); em contra-partida, temo-los cá que já passaram muito além disso, por conseguinte vêm a precisar dos livros dos respectivos anos, I, II, III, IV, V.

Tudo quanto seja instrutivo para nós, como sempre, tem desta vez um valor especial.

Até porque também dos que andam a estudar, alguns têm os livros emprestados o que poderia ser evitado.

Meus caros, estamos tão satisfeitos com isto e dedicamo-nos ao estudo com tal vontade que havíamos dito ao Sr. Padre, que a hora de estudo estabelecida, se passava depressa, mas tudo foi morrendo. No final, há apenas sossego durante uma hora.

É belo ver como se passa aquela hora, tão silenciosa, coisa que no nosso Lar só se sentia a altas horas da noite, quando tudo já dormia.

Agora é vê-los aqui sossegados, já não parecem aqueles «Endiabrados Gaiatos», mas sim, uns anjos vindos do «Alto».

Agostinho Coelho (Lampreia)

## AS NOSSAS FÉRIAS

Depois dum ano de trabalho e de permanência no bulício da nossa Aldeia, todos achamos que é justo e razoável uns dias de descanso a que damos o nome de férias.

Este ano todos tivemos. A maior parte em Azurara, em turnos de 30 rapazes, tendo cada turno ficado 15 dias. A todos faz bem estes diazinhos, por que sem eles a vida se tornaria mais pesada. Assim todos vão buscar energias para mais um ano de trabalho, de sacrifício e de preparação para o dia de amanhã, que para todos nós ainda é uma incógnita ou, melhor dizendo, um bicho de sete cabeças.

Eu mai-lo Sr. Padre Carlos e o Xico, fomos para Fontelo de S. Domingos, uma povoaçãozinha que fica a 14 K. da Régua.

Sr. Padre Carlos já há dois anos que vinha esperando estes diazinhos, mas a vida da casa não lhos tinha permitido e de lá os foi aguardando com paciência e resignação.

Partimos daqui no dia 20. Eu e o Sr. Padre Carlos, com o rótulo de ir descansar, e o Xico como cozinheiro. Mal chegados, eu mais o Xico, que ainda não conhecíamos aquela povoação, apanhámos uma desilusão, ao vermos que a casita em jeito de moinho, onde iam passar aqueles dias, não tinha luz, nem água canalizada. Mas, com o andar do tempo, depressa nos habituámos, e tudo começou a correr dentro do normal.

Xico na sua profissão de momento era bem ajudado pelo Sr. Padre Carlos, que, embora a maior parte dos leitores não saiba, é um cozinheiro, mas um cozinheiro de categoria.

Os arcs não podiam ser melhores. A vista esplêndida. Sr. Padre Duarte sem descansar enquanto não visse o nosso bem-estar. Tudo em sua casa estava às nossas ordens. A Sr.ª Maria

Certo dia, precisávamos de um pouco de farinha triga, e como não a tínhamos, para lá nos dirigimos no sentido de a adquirir. Mal chegados dissemos a uma Senhora da nossa necessidade. Responderam-nos: — Para ninguém temos farinha, mas para vocês, temos, porque a casa é vossa. E logo correu a ir buscar um saco plástico cheio da dita, ao que nós agradecemos.

Para todas estas Senhoras e muito em especial para o Patrono de tudo, vai o nosso desejo espiritual, porque material não pode ser, que a Obra cresça, e ao mesmo tempo vai também o nosso muito obrigado pela maneira bem cortez com que nos tratavam. Neste momento cá estamos novamente no barulho e a par com a vida, depois de tudo estar esquecido.

Ernesto Augusto

## PAÇO DE SOUSA

VINDIMA — Já foi a das brancas. Nesse dia foi o «SENHOR DOS DESENASCOS». Se já o era até aqui, ainda o foi mais agora. Cachos por todo o lado e arranjados por todas as formas e feitios. Deles no seio, embrulhos, nos baldes da limpeza... Nesse dia não faltavam «trabalhadores» no campo. Não podiam faltar os da Tipografia, pois nestas coisas são sempre os pimpões mores... uvas que te quero...

Ainda teve de entrar em funcionamento dona vassoura e o Peniche e o Sepadre Manuel andavam a enxotar os «pardais», mas nada podiam contra a força irresistível de cada um fazer a sua própria vindima, para os lagares das barrigas...

FIGOS — Hoje houve tribunal. São os figos. O Juiz desta vez foi o Sepadre Manuel. Os réus foram vários. Testemunhas algumas. Umas a falar verdade. Outras a meter os pés pelas mãos e os culpados a meter água. O «processo» seguia os seus trâmites «legais» e alguns foram absolvidos. Outros condenados e outros escaparam às malhas da justiça. Entrou a régua, passou a cana do Sejaquim e o chefe teve de entrar de serviço como promotor da justiça. Mas os figos dos campos novos é que não conseguiram escapar à fúria dos desviadores e mesmo os ramos da árvore sofreram e tiveram de cair, jazendo agora no chão e não voltando a dar mais o saboroso fruto. Foi uma poda forte de mais e para o ano os figos são menos.

Não podíamos deixar de falar na figueira da Tipografia. A Tipografia tem uma figueira. Tem sim senhor, com todos os direitos de autor, assinados pelo Senhor Padre Carlos, do *Supremo Tribunal Administrativo*. A dita foi plantada por Tipógrafos, tratada, com todo o develo por eles, foi crescendo e hoje é uma árvore frondosa, das mais belas desta aldeia de encantar, a melhor de Portugal. Os figos são de pingo de mel, por isso apetecidos de todos. Em anos atrazados, a colheita tem sido feita por gentes da Tipografia que os têm comido. Mas, note-se bem, e para que conste, estes também os souberam distribuir pelos outros. É indesmentível. Mas os ratoeiros não têm faltado. Mas este ano, como os figos eram mais, não faltavam ajudantes voluntários. O principal, queremos distinguir aqui em letra de forma para ver se toina assento e tem mais vergonha, o Senhor Reis. O Reis quis fazer-se esperto demais e não há-de ganhar nada com isso pois é já dos homens que põe a navalha na cara. A figueira está toda estragada. Os mais pequenos, que se sentiram com o mes-

NETOS — Os filhos do Avelino. Eles, das mais encantadoras crianças que há. Eles a grande festa, o grande enlevo dos pais e nosso orgulho de tios que somos...

— Ó Pai, eu quero ir trabalhar pró gaiato. Quero ir prá tua beira. Eu já percebo de máquinas...

— Ó Pai, Pai, e eu. Eu não vou... Também queria...

— Vamos brincar com os outros meninos... anda, Lino, sim?!

Quadro de rara beleza e que trazemos sempre na alma. Estas pequeninas crianças, nelas é que nós vamos encontrar o que há de melhor. Estes rebentos não-de ser a nossa salvação. Sabíamos nós compreendê-las e ler o que lhes vai dentro. Aproveitar o alimento que vem dos seios desta Obra que é Mãe, já que nós, nunca tivemos o carinho da Mãe natural e nunca chamamos pela Mãe, por estarmos separados dela, desde muito novinhos...

CANTARES — Ouvimos as vozitas de alguns *batatas* e de outros já grandes no Salão de festas. Indagamos. É o Américo, nosso chefe, que está a ensaiar. São as cantigas e danças para os leilões da freguesia. É para a Casa e salões paroquiais em que anda empenhado o nosso Padre Arlindo. Como nós pertencemos à parte de cima e os leilões tocavam a esta parte, toca a meter ombros em estreita colaboração com a paróquia. Quem é que disse que os Gaiatos não se interessavam por Paço de Sousa, quem? Olhai para os gaiatos e segui atrás deles, eles, destes pequeninos da *crápula* que vós tanto repugnastes.

CONCILIO — Começa no próximo dia 11 de Outubro. A união da Igreja, de todos os católicos e para que a Paz reine no mundo. Também nós, a maior Família de Portugal estamos PRESENTES. Começou hoje a novena do Espírito Santo e todos ESTAREMOS e como paroquianos participaremos activamente na vigília que se fará na paróquia de Paço de Sousa. Para o efeito, o Senhor Padre Arlindo começou a ensaiar a parte litúrgica e é de prever que decorra dentro de maior brilho como sempre tem sucedido nas festas desta natureza a que, por forma alguma, podemos alhear-nos. Será a Reunião dos Pais, com o Pai+o PAI! Também nós estaremos mais unidos para ficarmos mais fortes e pedimos a todos os católicos que o não sejam só de nome, mas ABEIREM todos para que os altos objectivos sejam alcançados!

d a n i e l

## TOJAL

LAVOURA — Há dias ouvi dizer que os nossos campos estão a produzir muito bem. Fiquei contente por o ouvir da boca de um dos nossos rapazes que se tem preocupado para que isso aconteça. Que bom seria que todos assim observassem e se interessassem por aquilo que é apenas nosso. Quantos desgostos e aborrecimentos não pouparíamos ao Sr. P. e José Maria. Mas é verdade. A nossa quinta está bonita e cheia de mimos. A colheita do milho, apesar do calor que se tem feito sentir, foi boa graças a Deus. Feijão verde com fatura. Tomates, na mesma. Cenouras, idem. E muito mais. Que Deus seja louvado.

MÁQUINA DE TRICOTAR — Deram-nos muitos modelos de lã. Muito bonitos e com muitas cores. Transformados em camisolas, será o conforto dos nossos rapazes. Ora até aqui, tudo muito bem. Daqui por diante também

pode continuar bem se os nossos queridos leitores quiserem. Falta-nos a máquina de tricotar. Eu sei que ela vem. Porque os leitores vão já dar as suas voltas e não descansam enquanto não arranjam a maquinazinha. Quando aparecer a primeira nós avisamos para não mandarem mais.

TROPAS — Temos bastantes neste momento a servir as nossas fileiras. Uns que já estavam, outros que vão entrar. Marcelo e Espanhol ficaram apurados. O primeiro não nos admirou. O segundo, sim. É fraquito e talvez fique livre à junta quando para o quartel fôr.

De qualquer maneira, fazemos votos para que saibam sempre cumprir o seu dever dignificando-se para dignificarem também a Obra que os deu à Pátria. Queremos destacar a promoção a 1.º Cabo do nosso Alfredo Marques que está a prestar serviço na Manutenção Militar em Lisboa. Parabéns.

FINALMENTE — Foi com grande alegria que lemos a notícia do próximo encerramento da substituição no nosso País, medida extraordinária que o nosso Governo tomou. Nós que tantas vezes combatemos, através do nosso jornal «O Gaiato», o flagelo, a ferida e a vergonha da Pátria, temos que nos sentir felizes com este grande passo que se acaba de dar. Será necessário acompanhar certinho a decisão que se acaba de tomar, porque a doença é grave e está muito adiantada. Só assim se poderá debelar embora os remédios a empregar tenham que ser, por vezes, amargos. Mas a Nação precisa de debelar o mal para que a Família em Portugal seja sã e a sociedade se salve.

SELOS USADOS — Não há dúvida nenhuma que a campanha entrou no coração dos nossos queridos leitores. Durante uma semana chegaram à nossa Casa do Tojal muitas encomendas. Foram estas as presenças registadas. D. Laura Guimarães, do Monte Estoril; D. Ernestina Martins, de Lisboa; D. Maria Fernanda Leitão Gomes Pereira, de Leiria; de Maria Manuela, de Lisboa este postal e selos:

*Aqui vão os selos usados. Estava para juntar muitos mais, mas ao ler hoje o jornal, vi que aí havia uma certa tristeza pela não correspondência dos assinantes.*

*Isto é para não esmorecerem. Em breve mandarei mais. Deus queira que em breve tenham quilos e quilos de selos para a máquina. Também querem as pratas dos cigarros? Tenho 2 bolas. Boa colheita são os desejos da*

Maria Manuela

Minha senhora. Pode mandar as pratas porque segundo creio costumam comprar. E se puder, junte mais selos. Da Rua Infanteria 7, 14-2.º, em Moscavide, também nos chegou uma encomenda. Mais da Rua dos Cavaleiros, 57-1.º em Lisboa. Moimenta da Beira esteve presente por intermédio do Sr. Narciso V. de Azevedo Júnior. Nós temos aqui muitos amigos. Precisamos da presença de todos. Atenção a Rio Maior. A vossa presença nas nossas campanhas tem sido sempre destacada. Não se deixem ficar atrás. Tivemos uma encomenda. Da cidade dos Doutores chegou-nos uma encomenda por intermédio de D. Alda da Concepcion, uma Senhora espanhola que lê o Famoso sempre que vem a Portugal. Aproveitamos para informar que temos em Espanha alguns assinantes e que por conseguinte pode pedir a sua assinatura. Assim lerá sempre o *melhor do mundo*. E agora façam o favor de ler esta carta de 3 amigas de Baltar:

*Tomámos há dias conhecimento, através do n.º 483 do vosso jornal «O Gaiato»*

tos de que pediam aos leitores selos usados, cujo produto de venda reverterá a favor de uma nova máquina de Tipografia. Desejando contribuir, na medida do possível, para uma obra tão meritória e de tão vasto alcance social como é a nossa, aqui enviamos os selos que, até à data, conseguimos reunir, com a promessa de que, logo que nos for possível, enviaremos mais alguns. Sem mais, subscreve-nos, com toda a consideração, as admiradoras da vossa obra

Fátima, Adriana e Alberto

Temos muito a esperar destes 3 amiguinhos. Eles vão fazer campanha e vão revolucionar aqueles sítios. E vamos para a frente que parar é morrer.

Queremos esclarecer os nossos queridos leitores que a máquina para a qual reverterá a venda dos selos já está comprada e a funcionar. Portanto não devem armazenar, porque além de dificuldades o trabalho de os arranjar, também atraz a sua venda.

Nós queríamos já neste número publicar fotografias da máquina e do movimento dos rapazes que arranjam os selos. Mas não pôde ser. Será para a próxima, se Deus quiser. Entretanto queremos assinalar que Lisboa se apresentou digna do seu nome. O Porto esmoreceu e como podem verificar, não compareceu.

#### QUADRO D'HONRA

A melhor encomenda pertenceu a alguém do Monte Estoril. Os nossos parabéns.

Para todos o nosso muito obrigado.

Cândido Pereira



#### BEIRE

— «Quo lindos! São dozes». Assim dizia o Chora, que é o encarregado dos porcos. Sim, doze porquinhos acabaram de nascer. Mais doze que vão multiplicar a família que tão grande vai sendo.

— O nosso milho é o mais adiantado de toda esta região. Já colhemos três carradas e parece que já se vai começar a colher com força. E que grande ele está!... O Armando até me disse que tinha uma espiga com uns dois palmos. Será verdade? Eu não a vi.

— Era domingo. No refeitório, ao meio-dia, o Sr. P.e Baptista dava a cada dez tostões e dois escudos conforme as idades dos recebedores, para irem à festa da Senhora da Ajuda. Mas à noite a malta não estava contente, pois dizia: «D'hoje a oito é a festa em Louredo». A alegria da juventude é assim. Quanto mais se tem mais se quer...

— Há dias o Sr. Padre comprou uma vaca e uma bezerrinha, filha desta. Mas pelos vistos enganaram-nos, pois a bezerrinha estava doente e passados dias morreu... Nós é que perdemos, pois o dono (antigo) lá ficou a regalar-se da vida com o dinheirinho na mão.

— É grande a azáfama do cozinheiro que, segundo ele, é sózinho e tem de fazer o serviço todo. De facto, o Passos é um bom rapaz, simples e amigo, e grande trabalhador. Só quem nunca esteve na cozinha é que não sabe avaliar o que custa a fazer o trabalho desta. Eu por mim dou-lhe os meus parabéns, pela sua paciência neste serviço, que já cumpre há três anos. O mesmo acontece com o Zeca, cujo trabalho se pode ver no refeitório, onde a limpeza e a ordem abundam. Estes dois rapazes em especial merecem a nossa consideração.

— A nossa vindima ainda não começou, mas não demorará e então a aguardente e o vinho abundarão. As uvas, os pêssegos, os melões e as melancias estão praticamente maduros e a malta já dá a sua voltinha.

— Há quem goste de fugir. Não é preciso fugir, pois, como o nosso querido Pai Américo dizia: — As portas estão abertas...

Agora foi o Alexandre. Andou por lá seis dias. Roubava melões, uvas, etc., mas, é claro isso não alimentava nada e foi caço. Ainda tentou um outro para fugir, mas este não quis. E à noite o Alexandre, depois do jantar, teve a sobremsa...

— Estivemos quatro no retiro, na companhia de doze de Paço de Sousa. Aquelas orações, aquelas palavras macias, aqueles conselhos e aquela união fez-nos muito bem. Pena é que fossem só dois dias...

E pronto; aqui tendes as novas da nossa Casa de Beire. Outro dia vos direi mais qualquer coisa.

«Pillico»

# BELEM

O Verão já se foi e o Outono depressa passará. Tenho alimentado a esperança de mudarmos para a Casa Nova antes que chegue o rigor do inverno da Beira. E a minha esperança fundamenta-se na necessidade, cada vez mais premente, de passarmos a habitar Casa Nossa em quinta nossa.

À medida que as belenitas crescem, proporcionalmente crescem as dificuldades em educá-las e prepará-las para a vida na casa em que permanecemos. Das inconveniências em mantê-las dentro duma quinta onde também habitam pessoas estranhas à Obra e sem capacidade para a compreenderem, nem quero agora falar, para não aumentar as dores de cabeça que me atormentam no momento em que escrevo estas linhas.

Eu disse aqui, no princípio da nossa campanha, que os vendedores da quinta em questão só exigiam 200 contos no acto da compra, podendo nós ir pagando o resto em prestações.

Disse também que o Senhor Ministro da Assistência nos prometeu 25% do custo da quinta. Porém, no corrente ano, as verbas da Direcção Geral de Assistência já não puderam comportar a concessão do subsídio correspondente aos 25%. Só recebemos metade — 100 contos — graças à extraordinária boa vontade do Senhor Ministro da Saúde. Esperamos receber o restante no próximo ano.

Entretanto, as esmolas dos particulares vão chegando aos 100

contos. Com mais 6 contos postos de parte no fim deste mês já só faltam 33 contos para atingir essa soma.

Quem nos acode? Quem nos vem ajudar a abrir a porta da Casa Nova, antes que chegue o inverno? Muitas graças teríamos que dar a Deus se Belém lá fosse completar o seu 4.º ano de existência.

E por hoje mais nada. Vamos à nota das presenças à Obra.

A primeira foi a do Senhor P.e Carlos, que esteve entre nós, a 16 de Setembro. Falou sobre Belém em 7 das nossas Missas dominicais. Em consequência, as vendedoras do jornal trouxeram para casa 5.208\$00.

Assinante de Castelões voltou a nossa casa com nota de mil. Um Senhor entregou ao portão nota de 500. Vale de 100 da Foz do Douro e outro de 20 de Maria Manuela, de Lisboa. Nota de 20 e peças de vestuário de Niza.

Vale de 250, de Paço de Sousa.

Um grupo de Senhoras entregou 160. Outro tanto que uma Senhora mandou por uma amiga. Uma assinante enviou 20, pedindo uma Avé-Maria por uma filha que não segue o bom caminho.

Maria Cecília e Marido, de Braga, enviaram suas contribuições de Agosto e Setembro «e as maiores desculpas pela demora». Delicadezas de alma...

Da Av. de Moscavide 50 em acção de graças pela passagem dos exames do seu netinho.

## Filhos de Pai incógnito

Vinha nas páginas dos jornais do País: «A prostituição é proibida a partir de 1 de Janeiro, e são presos e multados quantos a favoreçam, facilitem ou nela intervenham com fins lucrativos».

Sim senhor, muito bem. Não podemos deixar de sentir júbilo, pelo bem que isto vai trazer á sociedade. Não vamos dizer que vai acabar duma vez pra sempre a prostituição, nem que ela alguma vez acabe. «Há-de haver sempre escandalos no mundo». Evitar — é nisto que todos devemos trabalhar, tentar fazer lei da LEI.

Agora que o decreto saiu, não vamos descrever do esforço e do amor dele e dos seus construtores. Não podemos dizer que «ainda vai ser pior», porque isso é descrever e contribuir pró mal. Não iremos sentir já o que de benéfico vem, mas um dia, as «mães solteiras» e raparigas enganadas, já não tem a porta aberta. Já aquela rapariga ingénua que veio da aldeia, não vê as outras que de lá vieram e ficaram na cidade, escondidas na noite do pecado, num ávontade de «mais

miséria do que crime; mais fraqueza do que vício». A promiscuidade nas ruas e nas casas de carne humana, já não tenta o rapaz que passa; que olha e vê. Não, não é picir. Urge agora trabalhar, mais do que até aqui, nas famílias cristãs. A Fantasia é coisa que arrasta e seduz.

Vamos agora ter cuidado com este princípio duma vida nova: As mulheres que agora estão, têm que ser objecto de muita atenção. Muitas delas, já não têm um sopro de coragem para enfrentarem uma nova vida. Fracas como são, e com o selo que trazem, há-de haver quem lhes atire pedras e as escorrasse como bichos. Lembremos a nossa fraqueza e pensemos que todos somos culpados. É altura do Movimento Feminino e outros, virem prá rua, armar e chamar. Trabalhem para que a lei seja LEI.

Nós temos mães dalguns nossos, que são a amostra duma ressurreição. Amemos, e ajudemos a dar «vida» a esta chusma de «imigrantes».

Ernesto Pinto

rante o ano lectivo findo com o do ano que está para começar, em que espero tal campanha não esmoreça, antes alastre por todo o País.

De Aveiro, «migalha para a Casa Nova» de 50\$. Outro tanto de Alandroal, pedindo uma Avé-Maria.

De Carmona-Ango'la, 100\$.

Vale de 100 de Amiga de Campo de Besteiros e outro tanto de outra Amiga da mesma terra. 50 de um Casal visitante e 100 por intermédio do nosso Pároco.

Ficamos, pois, a precisar só de:

639.000\$00

— 6.000\$00

633.000\$00

Bem-hajam.

Inês — Belém — Viseu

## CANTINHO DOS

É para todos nós, Padres da Rua. Lêde, pois, comigo esta carta para ficarmos mais amigos da nossa Mãe Igreja, que nos oferta páginas tão belas a traduzir realidades compensadoras para as horas difíceis que o dia a dia acarreta. É página da história da Igreja: — não da visível, que os olhos medem, arriscando-se por vezes a não saber dimensioná-la; mas da Igreja invisível, que é a comunidade de santos a viver no mesmo Espírito, em real união.

«Venho agradecer-lhe pessoalmente, e em nome de muitos que pensam como eu, sem o exprimirem, humildemente, o cumprir em nosso lugar a missão de assistência aos moribundos. Deus não nos deu esta vocação. Temos, sim (pois creio falar por muitos) os nossos protegidos, a quem procuramos fazer o melhor possível aquilo que fazemos. Mas não temos coragem para afrontar certos aspectos horríveis da miséria, para ir à procura deles quando não nos aparecem à porta. Mas creio que temos também a nossa parte no Calvário — estarmos consigo presentes em espírito e oração em cada uma das suas visitas, em cada um dos seus duros dias — para o ajudar a cumprir por nós a vossa missão; sustentarmos a despesa, garantindo o calor, a cama limpa e o tratamento desses infelizes. E, creia que cada vez que lemos que recolheu um ou uma, sentimos um grande alívio, e uma parte da alegria desse pobre corpo sofrido ao sentir-se entre lençóis lavados.

Bem haja. O Senhor lhe dê a graça de poder continuar, ciente de que não é só um — mas todos nós consigo».

Raras vezes me tenho sentido tão presente à Igreja como ao poisar os olhos nestas linhas inflamadas. Nós nunca estamos sós ao sermos d'Ela. Nunca vamos sós ao pertencer-lhe. Mesmo quando descemos ao fundo da miséria para erguer os que nela tombaram, a Igreja vai connosco; ou melhor — nós vamos com Ela amar os Seus Filhos.

P.e Baptista

## PADRES DA RUA

Eu queria acompanhar cada parcela com a impressão de grandeza que penetra a minha alma quando estendo a mão. Impressão de grandeza quando recebo o muito ou o pouco. Não sei avaliar qual traduz mais, se o homem que entrou à noite na nossa sala de jantar e me entregou um envelope com vinte contos a dizer que era para ajuda, se a Senhora que sempre que me encontra nas ruas de Coimbra me depõe na mão uma pequenina moeda para os meus Pobres.

O valor das nossas ofertas: Deus o sabe bem, mas nós aceitamo-las todas impregnadas de grandeza.

Hoje são contos desde a Páscoa: cinquenta em nossa casa por Mãe e Filho; 20 para «Calvário» ao vendedor de Tomar; 20 em carta, com pena de ser tão pouco; mil no aniversário da Mãe dos nossos estudantes; cem de Miranda; 20 selos de uma Universitária; 50 de outra levados ao Lar; mil e quinhentos da C. E. B.; cem do assinante 14.330; 20 em cumprimento de uma promessa; 250 dos finalistas do Seminário de Coimbra; vinte no Castelo; 50 dum irmã; roupas no Castelo; 50 de Alcobaça; 20 à porta da Sé Nova; vinte em Santa Cruz e 50 na mesma Igreja; sacos de pão de Tomar.

1.280 no Castelo; 20 a um vendedor de Coimbra; 50 a pedir 2 Missas; cem do Brasil por «O Povo da Lousã...»; um embrulho no Castelo; cem, dez, vinte em Santa Cruz; 5 dólares canadinos de Alberto; cem de visitantes; cinquenta do mesmo modo; e ainda mais vinte; vinte de modesta homenagem; 20 por alma da Sogra; vinte selos; cem de Almodôvar; cem, mais cem, mais cem de visitantes; cem da Maceira para a Conferência e 50 de Caldas da Rainha; vinte de S. Pedro do Sul; cem em carta; 400, mais 300 das Amiguitas; 20 de visitantes; 30 à Sagrada Família.

Jogos e coisas diversas no Bazar do Porto; 50 de um funcionário dos C. T. T. de Coimbra por sua Esposa; cem levados ao Lar; cem de visitantes; 60 para pão; cem de um neo-Sacerdote e vinte de outro. Que suas mãos agora unidas jamais se sujem no dinheiro. Cem e cinquenta na Pampilhosa da Serra.

No mês de Agosto fomos pedir aos lugares do costume. A Monte Real foi Padre Acílio e foi bem recebido. Em S. Martinho do Porto, recebemos metade do ano passado e a igreja tinha mais fiéis. Abrimos a alma e contamos impressões que trouxéramos na véspera da nossa Angola.

No Luso andou pelos sete. Figueira da Foz foi aos 25. S. Pedro de Muel aproximou-se dos nove.

Muitos fatos de banho de lo-

ja amiga; quinhentos de Advogado sempre de mão aberta; cem, mais cem de conterrâneo que estende sempre a mão; mil em cheque de Lisboa; 50 e «que Deus dê sorte a minha irmã»; vinte selos; 20 de visitantes; 300 de visitantes, 300 e rebuçados da Colónia da J. O. C.; um vale de 500 para as nossas despesas.

Cem, mais quinhentos de Promessa, de Lisboa, mais 20, mais 20, mais cem do nosso médico, mais os mimos dos anos

anteriores, mais coisas sem conta e cinquenta de estabelecimento vizinho na Praia de Mira. Cem, mais cem, mais cem, em Mira.

A Família Mártir da última Tribuna moveu muitas almas em Lisboa, Pinheiro da Cruz, Fátima, Coimbra, Aveiro. Vai ter uma casa e pão. Digo à Senhora que me escreveu das terras da Curia que está bem. Estou ao dispor.

Padre Horácio

## CHALES DE ORDINS

«Os Pobres quando não estão pertinho de nós, por muito que se pense neles, se não vivermos o dia a dia com eles já não sentimos as suas necessidades nem as suas dores. Graças a Deus que os que cá socorro estão presentemente a passar um tempo de tranquilidade, pelo menos enquanto he-

ver trabalho. Depois, lá vamos ao mesmo: as aflições com a renda da casa, o vestir os filhos para irem para a escola, até o comer do dia a dia...»

É assim que nos escreve uma das nossas leitoras que todos os meses nos ajuda. De facto assim é; quando há trabalho e vontade de trabalhar alguns dos problemas da Família encontram solução.

Como eu gostaria de no próximo número do nosso jornal poder dizer a todos os nossos queridos amigos que tínhamos muito trabalho para as nossas tecedeiras!

Durante o tempo de calor muitos chales, colchas para caminhas de bebé, mantas e cobertores se fizeram. Porém estão ainda à espera de quem nos faça o favor de os pedir. Todos sabem que é no inverno que a aldeia sente a maior falta de trabalho. É a chuva que não deixa. São os trabalhos do campo que quase paralizam e o frio que pede mais roupa para aquecer os Pobres.

Que os nossos leitores não se esqueçam das tecedeiras de Ordins e assim não se esquecerão de aquecer alguém que em breve terá frio.

Já não está longe o dia da Mãe. E há tantas Mães que gostariam dum chale para se agasalharem... Depois virá o Natal... E há tantas crianças que saltariam de alegria se lhes vestíssemos uma camisola de lã bem quentinha e que dormiriam melhor se lhes lançássemos uma manta ou um cobertor mais sobre a cama. Assim espero que muitos o irão fazer e sentirão a alegria de fazer o bem.

Ao lembrar que tínhamos muita obra feita quase me esquecia de agradecer a todos os amigos das nossas pequenas aprendizas. Enviaram-lhes novelos de lã e algodão e alguns 10\$00 e 20\$00 para a «chuva dos novelos». Elas estão muito agradecidas a todos os seus amigos. Aqui vai um muito obrigado para Lisboa, Coimbra e Mação.

Já trabalham muito melhor estas meninas que souberam aproveitar as férias. Agora, recomeça de novo o trabalho escolar, mas elas não abandonarão de todo as

## Barredo

Vem da página U M

acabando os seus dias. E de igual modo vos ireis lembrar de uma rapariga muito jovem e que tem duas encantadoras meninas as quais o pai deixou para ir para África. Ainda na mesma casa podeis ver uma pobre avó já de avançada idade que tem a seu cargo uma filha de trinta e tal anos, demente e paralítica e ainda um neto, já homem inutilizado pelas varizes cancerosas.

Visitei também a Calceira da Rua Fonte Taurina depois de lá ter cá vindo pedir uns tostões para o pão dos filhos. Ela por muito trabalho que tenha não chega para a meia dúzia de filhos novinhos.

E que dirias se visses um pai de família a chorar graças desesperadamente por não ter que levar para os filhos? Sim, que farias? Pois eu tão novo e vindo do lixo das ruas pude, por vosso intermédio, caros leitores, aliviar-lhe a máguia.

Ele ganha pelo menos o pão de cada dia para os filhos, mas teve um acidente e a percentagem da Caixa não lhe dá para metade. É assim a vida do trabalhador!

E por hoje só vos digo que a irmã do Waldemar que foi um dos nossos, mora na Carujeira, tem o marido doente dos pulmões e seis filhos de tenra idade. Ela trabalha no que pode mas não se pode demorar muito porque tem os meninos em casa. E mais e mais e mais.

Fernando Dias

**A VOZ DOS LEITORES** — Ora leiam e vejam como é forte de espírito e acção — graças a Deus — a marcha da Campanha:

«O meu marido é assinante do vosso jornal, há já muitos anos. Tenho o cuidado e até interesse em o ler; só é pena que todo o mundo não o imite, que havia paz e harmonia em todas as vidas». Ó beleza de amor conjugal!

**PORTO/LISBOA** — As férias baixaram as presenças de lisboetas e tripeiros. Porém, quem se não retraiu chega exuberante. Por exemplo, temos uma carta assinada por Z, que tem «a satisfação de jantar 100\$ para pagamento de uma nova assinante (de Lisboa), para a qual peço remetam desde já o último número do Revolucionário, mais conhecido pelo Gaiato».

**Revolucionário!** Sim, Revolucionário — porque é Jesus, a sua doutrina, o seu pendão, a sua razão de ser. É Cristo chagado, espoliado, crucificado — na pessoa dos nossos irmãos Pobres. Quem assim não entender, não entende «O Gaiato», nem conhece Jesus — humilde carpinteiro de Nazaré e Deus feito homem.

Do Porto, esta simpática legenda no meio da proissão:

«Envio duas assinaturas que consegui arranjar. Pena é que não fossem mais».

Porém, como já sabe, preferimos a qualidade à quantidade. E sendo assim — não desanime!

**DO MINHO AO ALGARVE** — Aí vem a multidão, espumante de vida! Prôquê, leiam e saboreiem o testemunho de um Preso:

«Junto seguem 30\$00 dum companheiro que ensinei a ler e a quem tenho emprestado «O

agulhas. Por isso, elas e eu, pedimos que não se esqueçam de nós.

Obrigada, Maria da Saudade, V. F. O. da Foz do Douro, avó de Moscavide, Maria D., uma assinante de Lourenço Marques e tantos outros que se lembram de nós. Que o Senhor Vos pague.

Para o Estoril foram 1 tapete, 2 chales e 1 colcha.

De Lisboa pediram-nos uma camisola e 1 carpete.

Para a Beira mandamos 10 chales.

Para Águeda seguiram 2 tapetes.

Para Paço de Sousa, Ilhavo, Paredes e Foz do Douro, 1 chale.

Para a Ilha Terceira, 3 cobertores.

Para Pera, 1 carpete

As visitas levaram consigo, um chale, 2 pegas e uma manta.

Foram bastantes, graças a Deus, os que nestas últimas semanas nos enviaram o auxílio para as nossas tecedeiras, sobretudo para aquela de quem falei há tempos.

Foram de Lisboa, do Porto, de Monte Real, de Avintes, Lourenço Marques, Viseu e Matosinhos.

Caros leitores, para mandarem dinheiro para Ordins, poderão fazê-lo por intermédio da Casa do Gaiato de Paço de Sousa, ou pelo correio também de Paço de Sousa.

Gaiato». Como lhe falta um mês e pouco para ir para liberdade, deseja que lhe seja enviado «O Gaiato» para a sua morada. Por crer que a sua vista, boca e mãos nunca o mancharão voluntariamente, tenho muito gosto em indicá-lo como assinante».

Ó quadro formoso, testemunho bendito e valioso! E vejamos como até nas celas «O Gaiato» faz das pedras filhos de Abraão!

E a marcha continua, com gente fresca do Marco de Canavezes, Passinhos (Livrção), Faro, Marinha Grande, Vila Seca (Armar) e Porto de Mós, que afirma:

«Infelizmente só há pouco comecei a admirar a Obra do Pai Américo, mas creio ainda ser a tempo de me dedicar o mais possível. Peço que enviem o jornal para... Estas pessoas recebê-lo-ão com interesse e espero arranjar muitos e muitos mais. Obrigados».

Obrigado nós — e venham eles!

Mais Águeda, Campo de Beiteiros, Ermezinde, Vila Franca de Xira, Torres Novas, Cárquere (Reende) e Coimbra que pede façamos chegar «O Gaiato» às mãos desta nova assinante, o mais depressa possível. Bendita fome e bendita sede!

Agora, saboreiem mais uma carta. É de Sintra. Aqui está:

«Se não fui dos primeiros assinantes de «O Gaiato», fui-o, no entanto, há muitos anos já. Mas, tendo passado ultimamente 10 anos no estrangeiro, acabei por «perder» a assinatura, ainda que, nos primeiros tempos, recebesse o jornal onde estava. Regressei a Portugal e desejava receber, de novo e regularmente, o jornal fundado pelo saudoso P.e Américo, cuja Obra tanto aprecio».

Mais presenças da Madalena, Paço d'Arcos, Vila das Aves, Espinho e Alenquer. E mais estas, de uma lista a transbordar: Gaia, Vilar do Paraíso, Viana do Castelo, Barqueiros e Vila Nova de Cerveira.

**ULTRAMAR** — A Campanha permanece viva no coração dos nossos irmãos d'África. Nem o calor, nem nada, faz adormecê-los! Angola, então, comparece em cheio. É Luanda e Malange e Carmona — cidade mártir.

Da outra costa, Moçambique não falta. Nem quer faltar! Aqui está Lourenço Marques e Beira. Assim, sim. Viva a cidade da Beira!

**ESTRANGEIRO** — A crónica já vai longa! Mas como pode a gente calar realidades tão vivas?! Pela mão de uma Senhora residente na 94 Jackson Street, de Newark, América do Norte, recebemos um molho de novos assinantes. E já que os luso-americanos estão em maré de despertar, tornamos a lembrar que a referida Senhora se dispôs como nossa Recoveira em terras do dólar.

Temos, ainda, uma presença de Pontevedra — Espanha.

E, mais nada.

Júlio Mendes

Visado pela Comissão de Censura

P.e Pires

